



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

CARNAVAL, MEMÓRIAS E IDENTIDADES NEGRAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA

Flávio José dos Passos*
(UESB)

Washington Santos Nascimento**
(UESB)

INTRODUÇÃO

No Brasil do século XIX, ao redor dos centros urbanos em formação, aqueles que não participavam ativamente das decisões, das rodas de poder e de uma cultura mais eurocentro-cristianizada, organizavam a seu modo sua vida, suas moradias, seus bairros urbanos e rurais, encontrando relativa liberdade para preservação de suas tradições e de suas festas³⁴. No século XX, desenvolveu-se no Brasil uma pluralidade de expressões carnavalescas, onde a modalidade com as multidões nas ruas³⁵ apresentou-se como o espaço e o tempo da construção de uma identidade negra.

Para o antropólogo Antônio Risério, o ponto mais marcante em toda a história do carnaval de Salvador será a década de 70, quando ocorre uma intensa reafricanização do carnaval baiano, a partir dos afoxés, dos blocos e entidades afro-carnavalescas, dividindo com os trios os espaços carnavalizados de Salvador. E será a festa

* Aluno da Pós em Educação, Memória e Cultura – Museu Pedagógico – UESB – Vitória da Conquista. br2_ebano@yahoo.com.br

** Professor do Departamento de História da UESB/BA, Mestrando em Ciências Sociais – PUC/SP, Coordenador do grupo de pesquisa “História da África e da América Negra”. Professor Orientador.

³⁴ Para mais informações, ver Farias, Gomes, Soares e Moreira, Cidades Negras, 2005, p. 71.

³⁵ SERRA, Ordep. Rumores de Festa, 2000, p. 22.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

carnavalesca o principal canal de afirmação étnica da juventude negromestiça, modificando significativamente a vida baiana desde aquele período³⁶.

E o carnaval conquistense, com as influências recebidas de várias regiões, desenvolveu as suas próprias formas e expressões, passando pelas batucadas, cordões de afoxés, escolas de samba e blocos afros, vivendo em cada década, o apogeu de um estilo.

Através de entrevistas, narrativas desse carnaval popular afro-conquistense, este trabalho busca responder a questão principal – investigar a identidade cultural negra e o pertencimento étnico-cultural subjacente nesses relatos de quatro organizadores/as desse movimento de reinvenção e preservação cultural que foram os carnavais de rua de Vitória da Conquista.

REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

O negro, que na diáspora estará relacionado a tudo o que é menos, desprezado e duvidoso, buscará pela música e pela dança criar sua auto-imagem afirmativa, contestando e reinventando o conceito de ser negro.³⁷ Contudo, as relações culturais na formação do Brasil são marcadas por um caráter dúbio, ao promover o diálogo e a mestiçagem, torna possível “uma totalização nacional mediada pela narrativa sobre ‘a vocação carnavalesca’, nivelando planos da experiência social antagônicas”³⁸

Não obstante esta dubiedade da própria formação cultural do Brasil, surge uma nova relação social e econômica em que emerge um amplo e potente sistema produtor e consumidor de mercadorias, incidindo, assim, sobre os modos de relacionamento entre os grupos e suas formações simbólicas: a indústria cultural. Com a mediação do

³⁶ RISÉRIO, Antonio. Carnaval Ijexá, p. 25.

³⁷ GILROY, Paul. Atlântico Negro, p. 310.

³⁸ FARIAS, Edson. Economia e Cultura no circuito das festas populares brasileiras, 2001, p. 01.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

mercado cultural, a festa tornou-se negócio lucrativo, perdendo sua autenticidade popular, onde imperava a coletividade, o lúdico e a liberdade.

Dentro desse contexto cultural, nossa pesquisa baseia-se em duas categorias de análise: Memória e Identidade Cultural. A categoria de identidade (cultural) ganha sua importância por se tratar dos registros escritos ou artísticos, das formas culturais, das narrativas de origem e de significação da vida, enfim, do “ethos” de um determinado grupo de ação, de uma determinada comunidade étnico-cultural, com seus repertórios, simbolizações, hábitos e enunciados, num “mundo vital”, a partir do qual as identidades podem ser reconhecidas e distintas de outras formas culturais³⁹. Stuart Hall (2001), ao pensar cultura, não como prática isolada mas, antes, dentro de uma dinâmica de inter-relacionamento das práticas sociais e ideológicas, também reflete sobre a forma volátil, rápida, abrangente e contínua da mudança nestes tempos de modernidade tardia. Na perspectiva de Hall⁴⁰, é preciso aproximar-nos dessas narrativas levando em consideração o processo dialético da luta cultural em que a cultura dominante tenta desorganizar e reorganizar a cultura popular, cercando-a e moldando-a a partir de seus interesses, com movimentos de resistência e de superação.

A memória coletiva, ao mesmo tempo em que se apresenta como um fenômeno, é também uma categoria epistemológica, categoria de análise com a qual este presente projeto de pesquisa dialoga. Memória que se constitui a partir da construção de consenso, da afirmação, das reconstruções e reorganizações dos significados.

Para Maurice Halbwachs (1990), neste “quadro de lembranças” culturais, ainda que sejam indivíduos que lembrem ou esquecem, os estímulos para a motivação são coletivos, teias sociais, teias de significado. O indivíduo torna-se o filtro e a tradução dessa memória coletiva, onde “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.⁴¹

³⁹ SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil, 1999, p. 47.

⁴⁰ HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade, 2003, p. 239.

⁴¹ HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva, 1990, p. 51.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Grande contribuição para esta pesquisa é o pensamento de Pollak, pois, trata-se da memória subterrânea⁴² dos marginalizados e das minorias opondo-se à memória oficial, organizada por uma ideologia hegemônica. Esta memória resgatada vem também enquanto “memória seletiva” do que ficou gravado, do que será relevante ser lembrado, do que passou pelo crivo dos condicionantes históricos e mesmo circunstanciais. Segundo Pollak (1989), no processo de memória, reconstroem-se acontecimentos pretéritos, ao mesmo tempo em que se constrói a própria identidade e a identidade do grupo, pois, “ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”⁴³.

O conceito geertziano de cultura enquanto “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis”, é basilar em nossa pesquisa. Numa perspectiva de caráter semiótico, Geertz (1989: 4), afirma que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Uma abordagem de cunho etnográfico, na perspectiva da descrição densa de Geertz (1989), será o caminho metodológico a ser percorrido na presente pesquisa. E, a partir da Hermenêutica da Profundidade⁴⁴, em um processo de diálogo real com o entrevistado, suas falas, suas histórias de vida e relatos, fotografias, reportagens, gravações de músicas e vídeos, desenvolvi uma interpretação das fontes orais, “das opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social”⁴⁵ a pesquisa busca respostas para o seu principal problema:

⁴² POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio, 1989, p. 07.

⁴³ Idem, p. 3.

⁴⁴ THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa, 1995, p. 355.

⁴⁵ Idem, p. 364.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

qual é o sentido, o significado e importância dos “carnavais dos negros” para os seus antigos organizadores?

Sendo assim, os sujeitos do carnaval e da memória desse carnaval tornam-se o campo-sujeito-objeto, os “próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentalmente nessa compreensão e ação”⁴⁶

Se a memória do carnaval popular afro-baiano-conquistense é a memória dos silenciados, dos excluídos da avenida, da festa, da folia, da micareta. Mas é também a memória daqueles que sabem-se “donos da festa”, aqueles que conhecem a essência da vida: a festa – na cultura banto a festa é a maior manifestação do transcendente. Em todas as falas dos entrevistados a tônica dos relatos visa ressaltar a beleza, a importância e a grandeza dos eventos carnavalescos promovidos pelos pobres, pelos negros, pelos terreiros.

Assim, nossa pesquisa, ao dialogar com aqueles e aquelas que deram sua vida para que a festa fosse o “cumprimento de uma responsabilidade”, nos diz muito mais de uma Tradição como sendo o grande sentido da identidade, onde “essas memórias subterrâneas prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise” (Idem).

Durante as entrevistas com os quatro carnavalescos, as imagens evocadas são todas de uma grande positividade: “o negro é gente” (Guina e Dió), “é rei guerreiro” (Luiz Dionísio), “é felicidade plena” (Dona Zita).

Concluo esta pesquisa etnográfica acreditando que a tradição, a identidade e a memória dessas comunidades negras urbanas de Vitória da Conquista continuam vivas, continuam guardadas e resguardadas protegidas por homens e mulheres que se sabem herdeiros de um legado cultural muito rico, sabem-se lideranças de uma comunidade que os respeita e lhes autoriza serem detentores desses saberes e práticas populares.

⁴⁶ Idem, p. 359.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Por fim, longe de estarem eliminadas de nossa sociedade, elas estão adormecidas, preservadas e aguardam o grande dia de regressarem para a praça central e retomarem a festa que acreditam ser de todos. E a música desta apoteose celestial será algo como a que Chico César nos brinda com muita poesia:

“Vem com fé no batuque do afoxé,
pela rua batendo o pé a cidade inteira
(...) Vem de longe, inda sangra, inda sangra,
inda escorre, vem com fé” (Veia, 2006)

REFERÊNCIAS

- BOSI, Eclea. Memória e Sociedade – Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 11ª ed., 2004.
- FARIAS, Edson. Economia e Cultura no circuito das festas populares brasileiras. www.scielo.org.br.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1973.
- GILROY, Paul. O Atlântico Negro. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. Da Diáspora. Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- HASENBALG, Carlos. Discriminação de Desigualdades Raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.
- LOPES, Nei. Bantos, Malês e Identidade Negra. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme C. Festa no Pedaco – cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MATTOSO, K. M. de Q. Bahia. Século XIX. Uma província do império. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade. 4. ed. São Paulo: Vozes, 1994.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, ano.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Teoria e História – Revista Estudos Históricos - nº 10 - 1992/1.

_____. Memória, esquecimento, silêncio – Revista Estudos Históricos Memória - nº 3 - 1989/1.

RISÉRIO, Antonio. Carnaval Ijexá.

SERRA, Ordep José Trindade. Rumores de Festa – O sagrado e o profano na Bahia. Salvador: Edufba, 1999.

SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna – Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

VVAA. Cidade Negras – Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX. São Paulo: Ed. Alameda, 2006.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO
14 a 16 de novembro de 2007
